

FACON - Faculdade de Conchas
Polo: A Casa Tombada

RODRIGO DIAS DE PAIVA

**DOS QUILOMBOS ÀS ACADEMIAS, DAS ACADEMIAS À
PEDAGOGIA: A CAPOEIRA MOSTRANDO E COMPROVANDO SUA
VERSATILIDADE**

SÃO PAULO/SP
2018

RODRIGO DIAS DE PAIVA

DOS QUILOMBOS ÀS ACADEMIAS, DAS ACADEMIAS À PEDAGOGIA: A
CAPOEIRA MOSTRANDO E COMPROVANDO SUA VERSATILIDADE

Ensaio de conclusão do Curso de Pós-Graduação de Histórias e Culturas
Afro-Brasileiras Indígenas para a Educação da FACON, sob supervisão da professora
Arte-Educadora Ana Lúcia Santos Nascimento.

São Paulo, 14 de Junho de 2018.

Resumo:

O presente artigo traz referências de vivências e contextos do processo de aceitação da capoeira pela sociedade por intermédio de seu embranquecimento, sua adesão aos moldes sociais e educacionais.

Palavras-chave:

Capoeira, racismo epistêmico, educação, política.

Abstract:

This article brings experiences and context of the society capoeira adoption process due to its whitening and its social and educational transformation.

Key-words:

Capoeira, epistemic racism, education, politic.

"A capoeira herdou das culturas africanas todos os elementos que fazem do povo daquele continente uma das maiores referências de luta contra a opressão". Mestre Moraes

Iêêêêêê!

Foi a primeira vez que senti algo tão divino e contagiante.

Quando vivemos sensações como essa e passamos a vida inteira procurando adjetivos e verbos que possam detalhar a experiência, e ainda assim não acreditamos que sejam eles suficiente para caracterizar tal sentimento, é como tentar descrever uma entidade; seja qual for a cultura ou o tempo em que estivermos, se juntarmos todas as palavras e descrições ainda não explicaríamos quem ou o que é Deus.

Essa foi a primeira vez que estive na presença de uma entidade!

Era um grupo que estava em roda, como quando vamos ao aniversário de alguém e sempre tem um lugar onde as pessoas se juntam, conversam e é sempre um clima tão agradável que você nunca quer sair...

Tinha sons que eu não saberia explicar, mas era hipnotizante de tão agradável e doce, como quando você recebe elogios de alguém que você tem uma admiração inigualável.

Foi a cena mais incrível e mágica, como se um filme de ficção tivesse naquele momento saltado à realidade e se materializado na minha frente.

Foi o convite mais delicado que eu havia recebido e sem perceber eu já havia dito sim, e essa resposta era pra todo o sempre; para toda a eternidade eu seguiria com esse compromisso na minha vida e além dela também. E eu disse sim, sem titubear, nem ter medo, aquela era a essência da minha vida.

Como uma onda do mar que vem suave e sorrateira acariciando sua pele sendo levado nos braços pela mãe d'água.

Eu disse sim!

Foi a primeira decisão da minha vida e uma das mais corretas de toda minha existência.

Eu tinha nove anos de idade quando isso aconteceu...

Desde então caminho na corda bamba da realização. Na caminhada, sendo parte dessa história, fui muda, floresci, começo a dar frutos e novas raízes. E desses novos frutos vieram: a música, que se tornou a minha voz e através dos tambores, dos sons e das composições aprendi a falar para o mundo; sou brincante, encantado com a pluralidade que meu povo é capaz de transformar em meio ao caos; uni saberes e fiz da música a terapia de muitas pessoas ao meu entorno. Sobretudo hoje sou "sonhante", atuante através do aço do meu berimbau, dedicando minha vida à luta do meu povo, dos meus ancestrais.

Inquietações

Há muitos anos que me pergunto os impactos que a prática da eugenia, racismo epistêmico, poderia causar em um povo: preconceito, discriminação, dizimação e também o esquecimento de sua cultura e ancestralidade. E esses impactos estão em todas as vertentes da vida individual e social, no ensinar dos modos e costumes da família, nas regras da comunidade e também dentro da própria instituição escolar, em seus mais diversos graus.

E nesse sentido eu poderia discorrer apenas sobre a política do embranquecimento e o que causou na educação no Brasil como principal abordagem; porém, isso não representaria, nem ilustraria tamanha destruição que sofreu o povo preto em sua história. E colocando em prática o que Toniquinho Batuqueiro me ensinou, quando falava sobre Tiririca¹, que “só se pode falar daquilo que se viveu; e o que se lê, se guarda como conhecimento, e não como verdade”, compartilharei pequenas constatações que fiz em dezesseis anos como arte-educador, em vinte quatro anos vivendo a capoeira, sendo treze anos como disseminador dessa arte.

E o presente estudo parte, assim, da premissa da capoeira como ferramenta educacional, mas também mostra que essa sua vertente é, talvez, a principal forma da perda de suas raízes.

De modo geral, sabemos que a capoeira traz diversos benefícios para a saúde, que ela é uma luta em forma de dança (ou uma dança em forma de luta), que é um jogo de pergunta e resposta, que ela é afro-brasileira - mas suas origens ainda são um tanto quanto confusas e não se sabe, ao certo, se ela é rural ou urbana, se nasceu na senzala ou no Quilombo, ou ainda se ela é uma derivação do N'golo².

E dentre idas e vindas nas pesquisas e vivências sobre a capoeira e sua amplitude, pude perceber a política do embranquecimento acontecendo dentro da capoeira, dentro das instituições escolares que a absorveram, e vê-las transformando a capoeira em bizarrices,

¹A Tiririca era um modo de brincar o samba típico de São Paulo, praticada em vários núcleos informais de música, como por exemplo entre os ensacadores e carregadores no Largo da Banana. Ela era dançada da seguinte maneira: dois jogadores, no centro de uma roda formada por batuqueiros, faziam passos de samba e tentavam derrubar um ao outro com rasteiras. Ganhava a disputa aquele que derrubasse o adversário e o perdedor, por sua vez, dava lugar a um novo desafiante.” (SANTOS, 2015)

²Jogo de combate, engolo, N'golo, khandeka ou djumbo, é uma dança guerreira oriunda de Angola, na qual os combatentes desferem golpes de pés e mãos. Ocorria durante a “Efundula”, festa da puberdade, e acredita-se que é uma das manifestações que deu origem à capoeira. Extraído do documentário “Jogo de corpo - capoeira e ancestralidade; Body games - capoeira and ancestry, [14:40 - 16:57].

acoplando-a em caixas para suprir necessidade institucionais, fazendo, mais uma vez, da cultura peças exóticas para angariar riquezas indevidas.

E na minha função de disseminador pude também observar que são diversos os formatos de se ensinar a capoeira, e que cada mestre, em sua academia, trazia para os seus alunos conceitos e princípios também diversos, trabalhando desde aspectos metodológicos, passando pelo aspecto social e político, tudo de acordo com a própria história de vida e da representação que a capoeira tinha para eles. Questiono ainda, e agora de forma mais ampla, por que uma manifestação tão rica, complexa e tão à frente do seu tempo, como a capoeira, é, ainda no século XXI, mal vista e mal difundida em sua terra matre (exceto quando ganha moldes eurocêntricos), além de ser ensinada de forma tradicional quando, na verdade, ela é uma prática integral, sem fragmentações, um "ser maciço", é representação, história, conceito, teoria e é, acima de tudo, a prática da conexão de tudo isso.

Esse seria, então, o lugar de debate e reflexão para o verdadeiro caminho da atual resistência pela capoeira - que outrora fora na navalha -, na universidade, sendo transmitida de forma intelectual. Mestre Bimba³ foi quem iniciou a disseminação da capoeira no Brasil, mas para que ele pudesse atingir a todos - e assim ampliar a visibilidade da capoeira -, acabou por desenvolver um estilo que trazia o foco na prática de atividade física, com um método totalmente adequado à sociedade da época, ensinando sua arte de forma reduzida e sistemática, criando sequências de movimentos que antes não existiam e levando a capoeira para algo mais tradicional, transformando suas aulas de capoeira e seu trabalho em uma vitrine. É assim que dentro do mundo acadêmico, Mestre Bimba e sua capoeira começam a ser vistos e respeitados pela sociedade em geral.

“Negro falava de umbanda / Branco ficava cabreiro / Fica longe desse negro / Esse negro é feiticeiro / Hoje o preto vai à missa / E chega sempre primeiro / O branco vai pra macumba / Já é Babá de terreiro.” (Filme, 1980)

Nesse momento é que Mestre Bimba desenvolve, sobretudo, uma nova metodologia que permitiu o primeiro passo da Capoeira rumo às universidades, e assim seus alunos

³ Manuel dos Reis Machado, nascido em 23 de novembro de 1900, criador da “luta regional baiana” e futuramente chamada de Capoeira Regional. Em meados de 1950, em uma apresentação ao presidente da época, Getúlio Vargas, conseguiu que retirassem a capoeira do código penal, transformando a capoeira em uma prática livre da opressão policial.

passaram a ser compostos de pessoas de uma classe social acima da classe dos ex-escravizados, ou seja, brancos.

"Duas coisas precisam ficar muito evidentes no trato do racismo como elemento de estruturação das relações sociais no Brasil: primeiro que raça e classe se inter-relacionam da forma mais profunda possível; o segundo esclarecimento diz respeito a cor de pele." (Silva, 2016:9)

Mas ao fazer isso, Mestre Bimba também abre um abismo na história de resistência do povo preto, pois ao mesmo tempo em que pensava estar disseminando a arte negra, não percebia o embranquecimento que atingia sua capoeira ao desvincular a luta da cultura. Ou seja: este passa a ser o primeiro momento do embranquecimento da capoeira e, portanto quando ela realmente começa a ser aceita pela sociedade de modo geral, permitindo que seus praticantes alcançassem novos horizontes por intermédio dela.

Mas isso não é uma crítica aos brancos que praticavam capoeira, nem mesmo ao método criado por Mestre Bimba, e sim uma observação de que a política de embranquecer o povo é tão forte que nem percebemos quando a praticamos. E ao criar a luta regional baiana, ele buscava, na realidade, confrontar a discriminação e o desrespeito que sofria por ser negro, capoeirista, candomblecista. Para Mestre Bimba, a capoeira estava perdendo sua essência e deixando de ser uma forma de resistência preta para se tornar um folclore esquecido.

"O que seria da capoeira sem os alunos brancos do Mestre Bimba e do Mestre Pastinha? O que seria hoje da capoeira sem os Mestres fenotipicamente diferentes dos afro-brasileiros? Seria possível associar toda a contribuição que os Mestres Acordeon, Itapoan e Camisa estão dando para a aceitação mundial, organização individual e coletiva, respeito e valorização nacional dessa arte marcial integrada a cultura popular..." (Silva, 2016:4)

Muitas manifestações afro-brasileiras passaram pelo mesmo processo e precisaram ser embranquecidas para serem aceitas e vistas com bons olhos. E a aceitação da capoeira pela sociedade não é mérito só do Mestre Bimba, pois Mestre Pastinha⁴ e tantos outros que ainda são exaltados, hoje são reconhecidos pois viveram esse ritual de transformação de suas

⁴Vicente Ferreira Pastinha, nascido em 5 de abril de 1889, é patrono da capoeira Angola e fundador da segunda escola de capoeira aceita e liberada pelo governo baiano, o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA). Entre seus principais alunos estão os mestres João Grande, João Pequeno, Aberrê e Curió.

práticas capoeirísticas. E a capoeira, que antes era ensinada e praticada às escondidas por africanos e afro-brasileiros, foi aplaudida em praça pública.

"A ideologia racista, no Brasil, acabou por instituir uma identidade nacional entendida hegemonicamente como adequada. Nos anos iniciais da república, a nação reconhece todos os indivíduos, desde que não negros, como formadores da identidade nacional; posteriormente, com a emergência da democracia racial, reconhecerá como tais todos os indivíduos, desde que morenos. Nisso, a negação do negro na formação da nação. Segundo Costa, para "que o negro aqui [Brasil] ficasse e para que o branco pobre aqui [Brasil] chegasse, cada qual teria que contribuir a seu modo: a linhagem preta embranqueceria e a parte da branca ficaria menos alva. Essa é uma das alianças" (Costa, 2012:120).

Hoje, a luta que Mestre Bimba pensava estar travando é levada pelos movimentos sociais que caminham nas mais diversas atividades, artísticas e também intelectuais, por exemplo, em busca de cotas raciais, por mais oportunidades para o povo preto também no mercado de trabalho, além do resgate às culturas e o desejo por reavivá-las na prática, como direito nato de expressão da culturalidade preta, provando definitivamente que carregam em sua ancestralidade a sabedoria que a instituição educacional tanto procura nos livros e nos novos teóricos.

E diante de todas essas elocubrações, eu finalmente questiono se existe, nos dias atuais, alguma prática da capoeira que não tenha sofrido uma influência embranquecedora e se dentro da educação a Capoeira tem alguma representatividade. Será que ela estaria inserida em algum sistema de educação?, talvez algo mais próximo de um sistema tradicional? Ou então sócio-construtivista?

Apresentando os contextos

A Capoeira, assim como as diversas manifestações afro-brasileiras, é um conjunto de fragmentos de resistência e memórias dos povos africanos no Brasil, advindos do período da Diáspora Africana⁵, e que tentando sobreviver em um mundo de monopólio branco, alicerçavam seus costumes através de pequenas atitudes cotidianas ou em ritos disfarçados em detalhes de sua cultura.

⁵ A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo.

Quando iniciei minha vida na capoeira, buscava apenas a prática física. Mas a paixão cresceu e a curiosidade se expandiu para além das respostas simplistas de “porque sim”, ou “porque não”. E buscando entender certos conceitos, travei algumas pesquisas através do mundo da capoeira - pesquisas que se intensificaram a partir da minha jornada dentro da educação. Notei que há muitos ritos incompreendidos, esquecidos ou ainda ignorados, mas que carregam em si um mundo de significados do contexto da culturalidade preta.

Um exemplo clássico é o movimento de “volta ao mundo”⁶, que ocorre a cada vez que o jogo de capoeira precisa ser re-estabelecido (independente do motivo). Por mais de dez anos de capoeira, nunca souberam me dizer porque ele era realizado no sentido anti-horário e foi apenas em conversas com pesquisadores da diáspora é que veio a explicação⁷. E foi assim que, entre tantos outros ‘porquês’, aos poucos fui absorvendo detalhes e reconstruindo um quebra-cabeça: mais exemplos de ritos, de significados esquecidos ou ignorados, são a ‘baixar a cabeça ao pé do berimbau’, o uso de dobrão ou de pedra, o uso de tênis nos treinos e jogos.

Mas, infelizmente, da mesma forma que Mestre Bimba sofreu com a discriminação ao praticar a capoeira em sua totalidade, os atuais praticantes ainda sofrem dores muito próximas às dele, principalmente quando a capoeira está inserida em ambientes de culturas tradicionalistas. E nesse sentido, em todas as minhas experiências como arte-educador, em nenhuma delas tive liberdade para ensinar a capoeira como ela é por essência, pois a cada passo dado surgiam novas interferências castradoras, principalmente no âmbito burocrático das instituições escolares.

O que ninguém nota, ao se falar de capoeira, é que sua característica integrativa permite que ela seja instrumento educacional em diversos momentos. No sistema tradicional de ensino, por exemplo, ela poderia ser desfragmentada em diversas disciplinas, como História, e aqui é fácil de entender sua utilização, uma vez que é carregada de história do povo afro-brasileiro; Educação Física, justamente por se tratar de uma prática de atividade física que engloba alto estímulo aeróbico e muscular; Filosofia, quando trabalhamos o

⁶ Movimento de capoeira em que os dois jogadores caminham a roda, até que um dos dois retome o jogo.

⁷ Havia um ritual praticado pelo povo Daomé, no qual homens e mulheres davam voltas no sentido horário em torno do Portal do Não-retorno (Museu de História do Benin – Forte de São João de Ajudá), significando uma desconexão da sua ancestralidade, seja ela de caráter punitivo ou não. Os portugueses escravagistas fizeram uso dessa prática e passaram a forçar os africanos sequestrados a darem as voltas para simbolizar sua nova posição (de escravizados), desvinculando-os, assim, de seu passado. Para rememorar essa resistência do povo africano à escravidão em terras brasileiras, a capoeira e tantas outras manifestações afro-brasileiras trouxeram o ritual do rodar no sentido anti-horário como a busca da reconexão com sua ancestralidade.

conceitual da capoeira, seja nas relações sociais, interculturais e individuais; e também nas disciplinas de Linguagens (Português), quando assunto é, por exemplo, a integração das línguas.

“É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l nada mais é do que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês.”
(Gonzalez, 1984:283)

Mas quando voltamos, então, o olhar para os conceitos da pedagogia contemporânea, por exemplo, chegamos ao consenso de que a educação é algo que transcende as paredes da escola, fazendo da prática de educar algo de cunho social. Assim é a capoeira: tratamos uns aos outros como família e cuidamos uns dos outros, superamos nossas dificuldades aprendendo com todos e todos aprendem juntos, uma vez que o desenvolvimento cultural somente acontece quando o ser está inserido nas práticas sociais do seu meio cultural (Pino, 2005). Posso ser o mediador, o professor ou o mestre, mas preciso saber encontrar as qualidades de cada aluno e apoiar suas potencialidades e fortalecer essa família de forma ascendente e próspera.

“O conhecimento culturalmente produzido é um conhecimento ‘tido-como-partilhado’, ou seja, há uma interação negociada pela evolução dinâmica de interpretações, transformações e construções dos indivíduos.”
(Cobb, 1998)

Nesse sentido, a capoeira passa a ser sub-utilizada pelas instituições educacionais quando seu ser integrativo é ignorado, pois, na prática, em uma aula de capoeira não se ensina somente a dar pernadas, mas propicia ao aluno uma experiência completa, permitindo o entendimento do processo de aprendizado como um momento essencial na aquisição do conhecimento amplo, sendo possível, inclusive, trabalhar aspectos como a auto-estima, o trabalho em grupo e as relações sociais. .

Em oposição ao pensamento eurocêntrico:

"Nas palavras de Senghor: 'Penso, logo existo', escreveu Descartes, que era o europeu por excelência. O africano poderia dizer: 'Sinto, danço o Outro, existo' " (Nascimento, 2014)

Essa é a constante sintonia com as pessoas ao redor. Além disso, é preciso lembrar que "a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas" (PIAGET, 1967 apud LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992, p. 11).

Por essência a capoeira é isso: uma prática coletiva e social de aprendizagem, que além de possibilitar o empoderamento do individual, possibilita também o fortalecimento do coletivo.

Ponte entre mundos

É possível perceber como os processos do educar foram transformados. Da Revolução Industrial aos dias de hoje, se compararmos Inglaterra ao Brasil, por exemplo, teremos respectivamente: um país que oferece condições de estudo aos filhos de operários e, assim, garante a permanência de suas funcionárias na empresa por mais tempo; enquanto isso, do outro lado do Atlântico, vê-se um sistema que alimenta a burguesia e mantém na ignorância⁸ o povo pobre (em geral, povo preto), e somente quando a imigração italiana entra em seu ápice é que alguns donos de empresa começaram a dar assistência aos filhos de funcionários (que, nesse caso, eram maioria de imigrantes).

Da mesma forma, com a Segunda Guerra Mundial, países europeus iniciam uma reflexão sobre como alterar o sistema de ensino buscando a evolução da qualidade de resultados obtidos através de métodos tradicionalistas. Mas no Brasil há uma insistência em caminhar na contramão da humanidade, praticando o racismo epistêmico, segregando o povo e colocando uns contra os outros. O embranquecimento foi fortemente praticado nas políticas públicas brasileiras, construindo um imaginário de que negros são inferiores, de que índios são preguiçosos. Dávila, no seu livro "Diploma de brancura", explica com clareza todas as

⁸ Segundo o Dicionário Online Michaelis: 1. Qualidade ou condição de quem é ignorante. 2 Estado daquele a quem falta conhecimento, saber ou instrução. 3 Ausência de conhecimento em relação a um domínio específico. 4 Condição de quem é ingênuo ou crédulo; simplicidade, singeleza. 5 Falta de delicadeza ou gentileza; estupidez, grosseria, incivildade.

artimanhas de lavagem cerebral utilizadas pelos intelectuais e governantes do nosso país por décadas:

"A eugenia foi tentativa científica de "aperfeiçoar" a população humana por meio do aprimoramento de traços hereditários - noção popular por toda a Europa e América no período entreguerras. Os cientistas voltaram-se para a eugenia como uma ciência de ampla abrangência, que combinava diferentes teorias sobre raça, hereditariedade, cultura e influência do meio ambiente em práticas e receitas que visavam geralmente a "melhorar" uma população nacional." (2006:31)

É essencial entender que não tenho, aqui, a intenção de vitimizar os oprimidos, mas sim de alertar que estamos culturalmente inseridos em um pensamento opressor de forma tão intensa que não nos damos conta dessa prática nas atitudes do cotidiano. Esse pensamento também nos ajuda a compreender as transformações que a capoeira viveu até chegar nas escolas, pois foi justamente um processo dessa mesma política.

No remar contra a maré, vemos a capoeira sofrendo o mesmo processo macro da eugenia, e ainda sim continua a enegrecer, africanizar, seus praticantes quando estão ensinando, fortalecendo, integrando culturas e fazeres populares, onde os aprendizados ancestrais trazem o coletivo como o mais importante. Um provérbio africano diz que ‘é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança’, ou seja, a comunidade em que ela está inserida é responsável pela sua educação de modo geral; assim, meu filho é filho de todos e todas as crianças dessa comunidade são minhas responsabilidades também.

Os capoeiristas vivem essa cultura: de que as crianças da comunidade que eles habitam são também de responsabilidades deles. Desse alicerce, fica fácil compreender por que a capoeira antiga pratica tão bem essa função de ensinar - nos dias de hoje, temos fragmentos dessa capoeira em nossas academias, sendo mais nítido em projetos sociais em comunidades carentes. E mais: fazem das aulas de capoeira um lugar em que há, muitas vezes, mais ensinamentos de valor do que a própria escola, pois além de trazer o conhecimento tácito da própria capoeira, mesclam com os conhecimentos tácitos de disciplinas escolares, como já mencionamos anteriormente, história, linguagens, etc.

Nos treze anos como disseminador da capoeira, nas experiências que tive como arte-educador, observei a transformação que ela passou fora e dentro dos ambientes escolares e comecei a questionar se esse processo foi benéfico, ou se apenas fez da capoeira um

produto, uma caixa vendável, algo totalmente distante do seu alicerce. Vi a capoeira chegar até as escolas particulares como um mar de novidades e ser inserida no currículo escolar; mas também vi - e vejo cada vez mais - a capoeira sendo vista como 'apenas mais uma atividade', se transfigurando e se deixando emoldurar pela instituição perdendo, portanto, seus princípios, sua integralidade; nesse momento e local, temos tudo o que se pode imaginar, menos a disseminação da capoeira.

"A escola é muito valorizada por eles, e apenas um número pequeno deles afirmou não gostar, ou não ver sentido em freqüentar a escola. Estudam apenas por que são obrigados ou para conseguir um diploma e conseguir um emprego. Consideram que o que estudam na escola é muito importante para a vida deles, torna-os pessoas melhores, ajuda a compreender o mundo em que vivem e contribuirá na construção dos seus projetos de futuro." (MAIA, 2008:116)

Esses relatos e tantas outras informações que adquirimos da pesquisa de Carla Maia "Entre gingas e berimbaus - Culturas juvenis e escola", realizado em 2008, mostra o comportamento de adolescentes de uma determinada região de Minas Gerais, pode constatar que a capoeira potencializa aqueles ao seu redor, e permite a transformação benéfica de todos os envolvidos. Ao mesmo tempo, nos mostra que a escola passa a ter uma função apenas para garantia de melhoria de vida no sentido de *status* social.

"Muitos desses jovens acreditam que a escola vai ajudá-los a ter uma vida melhor do que a de seus pais." (MAIA, 2008:116)

No ambiente das escolas da rede privada de ensino, por exemplo, temos uma situação bem crítica no que tange ao ensino de capoeira: não é dado ao profissional (capoeirista) a oportunidade de realizar a prática integral da arte, pois a instituição visa apenas sua manutenção e não há, no que se refere às aulas de capoeira, a preocupação com a qualidade do que se transmite aos alunos. Basta que 'ganhem' suas graduações ao final de cada ciclo, como marco de suas conquistas, sendo eles merecedores ou não. Inexiste o respeito e a busca pelo conhecimento verdadeiro do que a capoeira é, e representa ao nosso povo, tampouco o que ela pode trazer de benefícios integrados às demais atividades escolares ou ainda à vida cotidiana. Isso tem acontecido pelo fato de que a capoeira ainda é tratada com desdém pelo seu próprio povo; e quando o contrário acontece, encontra-se resultados impressionantes.

Sem a interferência do racismo epistêmico, a capoeira seria vista de outra forma no nosso país, seria utilizada e explorada de forma positiva, seria plena em suas realizações e objetivos.

"A capoeira pode muito bem ser definida como uma das várias redes de sociabilidade construídas no contexto de ampliação dos vínculos de parentescos nas unidades familiares da população preta do Brasil. A história da capoeira se confunde com a história da população negra escravizada durante a colônia e o império no Brasil. Entretanto, em sua trajetória, ela passou de uma dança-luta de resistência à escravidão para uma arte integrada praticada por indivíduos de várias classes, grupos identitários e com fenótipos diferente". (SILVA, 2016:4)

Diferente disso é a realidade nos ambientes institucionais do terceiro setor, no qual todas as minhas experiências foram positivas, verdadeiras e profundas, onde realmente a capoeira era experimentada pelos alunos. E isso se dá pela conexão individual e social do aluno e o seu meio, pois ele se reconhece ali, ele se encontra e busca se desenvolver. A identificação com a arte acontece, portanto, pelas dificuldades; no ambiente educacional privado, a correlação vem da questão histórica propriamente dita, e mesmo assim, não é bem recebida.

"No Grupo de Capoeira, cada participante, a seu modo, encontrava referências modelos e vislumbrava a possibilidade que os ajudava a se situarem dentro de um mundo em permanente mudança como o que vivemos. Ele constituía, para muitos adolescentes, um ponto de apoio por meio do qual podiam comparar, compartilhar as diferentes experiências de vida, conciliar vivências por vezes contraditórias e transformá-las." (MAIA, 2008:112)

Um educador que não seja vivente na cultura da capoeira, que começa a pesquisá-la, só pode seguir por um desses dois caminhos: terminar a pesquisa sem alcançar sua profundidade cultural, ou então entrar profundamente nesse mundo, deixando de ser apenas um curioso, tornando-se pesquisador e tornando-se também um amante da arte.

Atualmente, no que diz respeito às preocupações com a educação e sua constante atualização e evolução, defende-se, por exemplo, com grande força a inclusão massiva das tecnologias no ambiente escolar como maneira de integrar os universos, possibilitando a transmissão do conhecimento de forma ampla, integrativa; porém, não existe um movimento de mesma intensidade que busque o resgate e reavivamento da cultura de base, que pode não

só trazer à tona conceitos da formação da sociedade em que vivemos, como abrir horizontes para a inclusão de inúmeras outras fontes de conhecimento.

*"Que adianta ter estudo / Pois eu posso me comparar / Pois eu também sou doutor / Na minha arte popular / Eu pego meu berimbau / Meu tambor e meu pandeiro / Eu me jogo nesse mundo / Lá com esse jeito brasileiro / E vocês que são formado / Que diz que tem educação / Às vezes vocês não vêm / O que eu presto atenção / Vejo criança sendo morta / E jogada no porão / Pois elas apanham pra comer / O que você joga no chão / Pois a minha educação / Não foi a escola quem me deu / Quem me deu foi a capoeira".
Ponto de capoeira, Autor Desconhecido*

Não se trata de uma briga entre capoeira e Educação, mas justamente da união entre as duas. Da mesma forma que o aprendizado é um processo integral, que exige o trabalho em conjunto de todos os sujeitos da instituição escolar, uma vez inserida nesse ambiente, a capoeira entra como mais um sujeito, atuando em parceria para a conquista da qualidade no processo de aprendizagem do aluno, do processo de evolução do educador e ainda do processo de transformação do meio em que todos estão inseridos.

Trabalhar a capoeira de modo superficial, excluindo do seu cotidiano os ritos e características natas (como o uso do abadá - uniforme -, a utilização de instrumentos em roda, as cordas ou cordões, etc) significa a morte de uma cultura secular. Não se pode plantar uma árvore pela metade; quando utilizamos a capoeira beneficiamos toda uma comunidade.

"Os que pesquisam o cotidiano e esses acontecimentos culturais têm hoje melhor entendido que muitas são as possibilidades e os meios que podemos usar para melhor estudá-los e compreendê-los. Neste texto, vou usar somente um deles: a tecnologia, concretizada em artefatos culturais e ligada às necessidades educativas que são sempre múltiplas e surpreendentes, acontecendo em espaços tempos inesperados, e que precisam ser compreendidos em seu uso no contexto escolar." (ALVES, 2003:66)

E assim é a capoeira, algo tão amplo e integrativo, que trabalha diversas naturezas humanas (individual, social e cultural) e, acima de tudo, carrega em si a história do povo brasileiro, mas que é esquecida pela seu próprio povo.

*"Antes, tudo o que fazíamos, a gente não entendia, a gente vivia para descobrir, hoje tudo o que é feito, a gente não vive, a gente quer descobrir antes de viver, o mundo está o inverso, a gente está com pressa."
KOUYATÉ GRIOT, TOUMANI*

Sejamos essa ancestralidade, essa sabedoria que a capoeira também carrega.

Conclusão

Alterar a capoeira para nos adequar às instituições de ensino é, por exemplo, alterar o curso natural do rio. Em vez disso, devemos entender que, em sua essência, ela é um sistema integral que, no seu fluxo e no seu tempo, vai estruturar o indivíduo para superar os desafios que lhes serão apresentados ao longo da vida nas suas mais diversas vertentes.

O disseminador que amplia seus horizontes torna-se um guia para seus discípulos e assim precisa ser o professor. Mas aquele que imita, que reproduz uma atitude sem ter conhecimento da profundidade do que transmite, é como um cachorro correndo atrás do rabo: não tem pretensões, não sabe sequer onde vai chegar.

E é assim que através das experiências diversas é que nos tornamos capazes de ensinar e aprender tudo por intermédio da capoeira, diferentemente de quando aprendemos sobre história, geografia, português, ou qualquer coisa desfragmentada da nossa verdade que tentam nos ensinar na escola, quando são apenas conhecimentos que se tenta transferir.

Sejamos então o Baobá da ancestralidade, sejamos o rio que segue naturalmente seu rumo, sem temer as tormentas; sejamos a sabedoria do velho que viveu e observou os viveres; sejamos a curiosidade da criança, que no simples sempre vê o novo. Sejamos educadores, disseminadores de uma verdade mutável, que se transforma e cresce com o passar do tempo, que muda de caminho sempre que necessário, assim como o vento.

A capoeira é capaz de tirar pessoas do crime, ela pode transformar pessoas desacreditadas em profissionais pós-graduados, ela pode levar um favelado a experiências jamais imaginadas. Vivências como essas e tantas outras a capoeira é capaz de oferecer, e foi exatamente isso que ela fez comigo e com muitos outros com os quais convivi. Isso só aconteceu pois deixei de ser jogador e pesquisador da capoeira e me tornei capoeirista.

Assim, sou griot, pai, sou filho e sou raiz e fruto.

E eu tinha apenas nove anos de idade quando isso começou...

Bibliografia

LIVROS

ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2003.

CALADO, M. G. Escola e enfrentamento do racismo: as experiências das professoras ganhadoras do Prêmio Educar para a Igualdade Racial. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação. São Paulo, 2013.

COSTA, E. S. Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

DÁVILA, J. Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945. Ed. UNESP. São Paulo, 2006.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, 1984.

JOHANNES, B. C.L. Fases da Vida: crises e desenvolvimento da individualidade. Tradução de Jayme Kahan. 3. ed. Antroposófica. São Paulo, 1994.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M.K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MAIA, C.L. Entre gingas e berimbaus: culturas juvenis e escola. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2008.

NASCIMENTO, E. L. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. Selo Negro. São Paulo, 2014.

PINO, A. As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, A.A.O. "Vai graxa ou samba, senhor?" A música dos engraxates paulistanos entre 1920 e 1950. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015

SILVA, U. B. Sobre embranquecimento, miscigenação e apropriação cultural no Brasil. Cadernos CERU V. 27, n. 2, dez. 2016

VÍDEOS

"Jogo de corpo: capoeira e ancestralidade; Body games: capoeira and ancestry". Direção: Richard Pakleppa, Matthias Röhrig Assunção, Cinézio Peçanha (Mestre Cobra Mansa). Manganga Produções, 2013. 87 min. Color, Formato: 16mm. Trecho extraído do tempo [14:40 - 16:57]

Pastinha! Uma vida pela capoeira. Direção: Antonio Carlos Muricy, 1998. 52 min. Color, Formato: 16mm. Trecho extraído do tempo [1:45 - 1:54]

INTERNET

DICIONÁRIO ONLINE MICHAELIS. Ignorância. Acesso em 01 de maio de 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ignorancia/>

INFOESCOLA. Diáspora Africana. Acesso em 02 de Maio de 2018. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/historia/diaspora-africana/>

INSTITUTO RUDOLF STEINER. Pedagogia Social. Acesso em 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://institutorudolfsteiner.org.br/antroposofia/pedagogia-social/>

TV BRASIL. As etapas da aprendizagem segundo os Griots. Acesso em 28 de Maio de 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EYRUkIJZn2Y>

ÁUDIO

FILME, Geraldo. **Vá cuidar da sua vida.** Intérprete: Geraldo Filme. Estúdio Eldorado, 1980. LP.